

A CRUZ E A ESPADA

POR DEUS, PATRIA E REI

REDACTOR PRINCIPAL—B. J. Senna Freitas, e collaboradores—Pinho Leal—Moreira Bello—D.º Ozorio Guimarães—Augusto Sembland—Garrido e J. T.

1.º ANNO

Assignatura:—Por 3 mezes 300 reis, semestre 600 reis, anno 1\$200 reis. Anuncios; linha 40 reis, correspondencias, linha 40 reis. Sendo remetida a folha pelo correio, anno 1\$500 rs., semestre 750 rs.—avulso 40 reis. Toda a correspondencia erá dirigida á administração, franca de porte, rua de D. Frei Caetano Brandão N.º 48, João F. Torres.

NUMERO 47

BRAGA

SABBADO 16 DE DEZEMBRO DE 1882

AS DAMAS LEGITIMISTAS

Sempre que nos mais heroicos lances a nação portugueza, tem erguido, orgulhosa a fronte laureada para conquistar as suas glórias; sempre que no amor da nossa liberdade e do nosso direito o povo portuguez tem mostrado a todo o mundo o seu acrisolado valor e patriotismo, as damas portuguezas, a simples mulher do povo tem sabido exprimir que não é sem provas inequivocas, que se orgulham de ter nascido nesta terra de prodigios.

Portugal tem tido em todos os tempos, desde Aljubarrota até ao Minho, tantas Philippas de Vilhena quantas padeiras de Aljubarrota, quantas Marias da Fonte.

A mulher portugueza é para os grandes entusiasmos patrióticos, como é para a vida do amor nos carinhos e confortos do nosso lar. É tão ardente para a veneração das nossas tradições nacionaes, como é meiga e solícita junto do berço de nossos filhos. A mulher portugueza sabe ser o que realmente é.

A Allemanha tem orgulho de suas mulheres. Na vida domestica a mulher allemã é um modelo. A mulher mirindal distingue-se pelo ardor das paixões e pela vivacidade do espirito. Em todos esses paizes porém, onde a mulher, tem para si um característico que a distingue de todas as mulheres, falla-se da mulher da esposa, e da mãe portugueza, sem se saber qual das virtudes deve mais preponderar na excellencia do seu character.

É que a mulher portugueza tem sido encontrada sempre onde a grandeza do sentimento se pôde melhor conhecer. Portugueza no campo das batalhas, portugueza sob os nossos tectos, portugueza na caridade, portugueza no amor, portugueza na honra e na virtude, portugueza ante os altares da patria.

Quando a patria chama seus filhos, a mulher portugueza dá-lhe os filhos, mas não fica em casa, vác tambem.

Pôde servir-lhe de arma uma pá, como uma fouce, como uma palavra, como uma lagrima, como uma benção, como um sorriso.

Trabalha, soffre, lucha, morre ou vence sem aspirar a outro galardão mais do que a honra do seu nome e a felicidade da sua patria, como garantia da felicidade do seu lar.

A mulher portugueza é pois unica. Mas a mulher portugueza nascida no Minho, n'esta provincia de mais flores e de mais florestas, tem no coração como que mais virilidade, tem na alma como que mais arrojo para os grandes empreendimentos e para as supremas ousadias.

Não ha transmontano que não palpite pelos entusiasmos da mulher do Minho. É que o transmontano é o Navarro portuguez. Por uma bayoneta dão um braço, e por verem o seu rei dão um olho.

No Minho se a geração de hoje conserva pelo rei legitimo dos portuguezes o amor e o entusiasmo com que ainda conserva as crencas religiosas de nossos maiores, deve-o á fidelidade de nossas mães, ao espirito patriótico de nossas mulheres, que nascidas portuguezas não sabem reconhecer outro rei senão o legitimamente portuguez.

Ao erguerem-se pois, pela causa da legitimidade e da patria os maridos, os irmãos, os filhos, os paes das mulheres do Minho, o seu posto é ao lado d'elles.

E não se fazem esperar onde as chama o coração e o dever.

As damas legitimistas do Minho vão agre-

miar-se ao lado do *Gremio legitimista do Minho* ha pouco fundado.

Bem sabem ellas quão poderoso e salutar pôde ser o seu auxilio em favor da causa da justiça e do direito.

Com o fim de ajudar por todos os meios ao seu alcance o melhor andamento dos nossos trabalhos váe instituir-se por estes dias o *Gremio das senhoras Legitimistas*, sob a protecção da Immaculada Conceição, Padroeira do reino.

Este gremio, além dos seus intuitos exclusivamente politicos, esforçar-se-ha por salvar da corrupção da epoca os orfãos pobres de paes legitimistas, educando-os, mantendo-os, instruindo-os, e resguardando assim da deshonra nomes que se enobreceram na defesa de *Deus Patria e Rei*.

É tão grandioso este pensamento, que ainda quando o *Gremio das senhoras legitimistas* não fosse já pela sua significação politica uma instituição digna das tradições portuguezas, seria pelos resultados moraes da sua criação humanitaria e patriótica, um facto assaz honroso para o nosso nome e a nossa causa.

Bem hajam as damas instituidoras do *Gremio das senhoras Legitimistas*.

Todo o nosso louvor e reconhecimento pelas heroínas da nova cruzada.

LIBERDADE E MIGUELISMO

VIII

O *Amigo do Povo*, évolto no manto alvo da ingenuidade, como qualquer commendador de Christo em procissão de Corpo de Deus, vem de novo com o seu estribilho—«é de pão, e tenho dito; é de pão e bem bonito»—

Pois collega, melhor fora argumentar do que insistir apenas.

O collega esgravatou entre o pó dos alfarrabios uma carta do senhor D. Miguel I a seu augusto irmão, na qual o senhor D. Miguel o tratava como seu Rei; tirando o collega d'aquí como illação que a aclamação do senhor D. Miguel foi uma quebra de palavra.

Respondemos ao collega que pelo *Facto Fundamental*, isto é pelas leis fundamentaes da nação Portugueza, o senhor D. Miguel não podia escrever aquella carta, e por conseguinte que era nullo todo o seu effeito moral. Apontamos ao collega que em direito e em boa philosophia não pôde ter validade um effeito sendo nulla a causa; apontamos-lhe até o direito theologico, que não considera absolutamente inquebrantavel o juramento; mostramos ao collega que as leis da honra teem um poder relativo; e nem assim satisfizemos ao espirito altamente exigente do *Amigo do Povo*.

O collega colloca-se no alto da sua perseverança, e responde—não discutimos com o *Facto Fundamental* por que o julgamos apocripho; não tratamos de direito nem de philosophia, nem de nenhuma outra consideração, por que—o *dito dito*:—quem quebra um juramento, quem falta á palavra falta á honra.

Ora se o collega fecha a porta ao direito, á lei, á historia, á logica, ao bom senso, como é que quer que nós discutamos?—O collega afirma, e isto basta! Pois bem, nós negamos, e o collega, que não prova, nem admite prova tem que se contentar, a não querer fatigar o publico com um *dize tu direi eu* interminavel.

Diz o collega em tom cathedratico, que nos infunde ao mesmo tempo o maior respeito e a maior duvida:

«A honra, contemplada de superior emi-nencia, tem uma unica lei: a palavra, o juramento, o compromisso, a dignidade do homem de bem.

Tudo o mais parece-nos rhetorica; e, quando muito, pôde ser que seja erudição, mas não passa d'isso.»

Collega (com imparcialidade o dizemos) esta affirmativa não parece sua, pois que o collega, pela sua muita illustração e pela sua posição, conhece muitos casos em que se não podem conciliar a palavra, o juramento, o compromisso com a dignidade do homem de bem.

A honra, collega, não é nada d'isso. A honra é uma causa: O que o collega aponta como sua lei, é apenas um effeito. Na honra reside o sentimento do justo; quando o juramento é injusto, offende a honra. Na honra existe o sentimento da verdade, e quando a palavra é um erro, a verdade e a honra gemem. Na honra está o direito; quando o compromisso se oppõe ao direito, oppõe-se á honra. Logo, é logico, apesar de o collega detestar a logica, que para o juramento obrigar a honra carece de que a sua origem o seu fim sejam o bem a justiça, a verdade e o direito. Para a honra obrigar o juramento, a promessa, a dignidade do homem de bem, é forçoso que o objecto jurado seja bom, justo, legitimo, accetavel, possivel.

Todos os codigos tanto comprehendem assim as coisas, que em qualquer tribunal só é perjurio aquelle que de consciencia propria jura contra a verdade. Pela doutrina do collega ficaria deshonrado todo aquelle que conhecedor de um erro exposto por ignorancia e irreflexão em um depoimento em corpo de delicto, sob juramento e com prejuizo de terceiro, o rectificasse no summario a bem da justiça e do direito, por haver posteriormente reconhecido que involuntariamente não jurara a verdade.

N'este caso, se a honra está na dignidade do homem de bem que protesta com a verdade contra a validade do seu juramento, não está na sustentação de um juramento iniquo. Qual dos dois casos é a falta de honra: manter o primeiro juramento, ou fazer outra contra o primeiro?

N'este caso, como em muitas outras hypothese, que frequentemente occorrem na vida social, já vê o *Amigo do Povo* que as leis da honra são relativas, e que não podem ir de encontro ao que é justo, legitimo e invencivelmente soberano.

Este argumento por bem comesinho, não dará ao collega grande incommodo de o receber e pesar. Já vê, pois, que não pôde proceder a sua universalidade de principios absolutos, em um ponto sujeito a principios relativos.

O *Amigo do Povo*, depois d'aquella tirada absurda, acrescenta:

«N'aquelles tempos, collega, ninguém invocava taes philosophias para defender os perjurios, as hesitações do infante. Os mais denodados campeões do cacete, querendo negar ou tirar o valor ao juramento, affirmavam, uns, que s. alteza não jurara—fingira apenas, outros asseguravam que em vez dos Evangelhos estava na meza o *Poema dos Burros* de José Agostinho; e muitos havia que admittindo a seriedade do acto, appellavam para a igreja, dizendo não faltariam padres, que absolvessem o principe.»

Colloque-se o collega no nosso lugar, e diga-nos com a mão na consciencia, se o que ahí deixamos transcripto é serio e digno?!!

Veria o collega escriptas taes insanias em algum pamphleto vendido pelos cegos em dia de feira, mas nenhuma pagina historica, com foros de seriedade, levou, ainda a faciosidade ao ponto de dizer isso.

Folgaríamos que o collega nos apontasse que historiador foi que etsinot á sua illustrada mocidade esse amontoado de conjecturas de soalheiro, que destoam da seriedade da delicadeza que reconhecemos no collega.

Não quizeramos vêr o collega fazendo a figura das bruxas, que sentadas á lareira, em noites de inverno contam á imbecilidade embasbacada as maravilhas da sua lavra, as historias dos Reis encantados, e os prodigios das peneiras, dos novellatos, das cartas, e do sal a traz das portas.

Nós dissemos ao collega:

Como havia o sr. D. Miguel guardar fidelidade ao rei de Portugal, seu irmão, se seu irmão nunca foi, nem podia ser rei de Portugal?

O *Amigo do Povo* confunde-nos com a seguinte lição de historia:

Pois D. Pedro em 29 de abril de 1826 decreta a Carta Constitucional; o paiz recebe todas as suas determinações com o maximo enthusiasmo; elege a sua camara de deputados, e jura a Carta, que é tambem jurada pelas camaras legislativas—e tudo isto não foi um reconhecimento solemne, expresse prestado aos direitos que o imperador tinha ao throno portuguez?

Pois em 20 de março de 1826 ordena-se que todas as leis, cartas-patentes, diplomas, etc, tenham a legenda: *Petrus IV. Dei Gratia, Portugaliae et Algarbiorum Rex*, sendo isto ratificada *tacitamente* pelo povo, e afirma-se hoje que D. Pedro nunca foi rei de Portugal.

Como! pois logo depois da morte de D. João VI começa-se a cunhar moeda, a administrar justiça e a expedir por todo o reino actos publicos em nome de D. Pedro: o povo o clero, e a nobreza, os tribunaes, o exercito, a armada, etc. etc. confirmam este reconhecimento, sem que houvesse protestos, e o collega afirma que o sr. D. Pedro não foi nem podia ser rei de Portugal?

Vamos, collega! abandone a pipa de Diogenes e saia cá para fora! deixe que um raio de sol beija os seus cabellos ondeantes.

Veja que ceus! Que esplendor no sol é na terra!

Com que então D. Pedro nunca... nunca foi...

Por Deus collega, saia da pipa! Visto que o collega disse tudo na questão do juramento põe-nos agora novo ponto de polemica.

Pois bem: se apraz ao collega, vamos á isso.

Para aceitar-nos a lição havemos acrescentar: O sr. D. Pedro foi rei de Portugal como o foi Philippe II de Castella. Ehtrott cá de mão armada contra a vontade do povo, foi o *Petrus IV. Dei Gratia Portugaliae et Algarbiorum Rex* nas leis que impoz, nas cartas patentes e nos diplomas que passou, e até nos patacos malucos que fez dos sinos das Igrejas. Foi isto ratificado *TACITAMENTE* pelo povo, como *tacitamente* elle approvou a usurpação castelhana, como *tacitamente* approvou que nos roubassem o Brazil.

O que porém admira, collega, é que estando o povo portuguez tão *tacitamente* contente com o seu rei D. Pedro, o recebesse á pedrada e a tiros, e fosse necessária a força de trez potencias poderosas colligadas para que elle podesse sentar-se no seu throno! Foi o tal povo tacito que correu a patacos com o sr. D. Pedro do theatro para fóra?

Pois o sr. D. Pedro reconhecer-se a si proprio; impôr-se á força prova acaso que era o rei de Portugal? Ser rei de facto, como qualquer aventureiro o pôde vir a ser amanhã se conseguir isso, é realmente ser rei?

Sé alguém entrar de chapeti na cabeça em sua casa, collega, se á força o pozer na rua, e estabelecer ahí o seu governo, deixa acaso o collega de ser dono de sua casa, passa acaso a propriedade para o invasor atrevido? É elle o dono da casa?

Pois tambem o sr. D. Pedro para nós, para o direito, para o paiz, foi rei porque fundio patacos; mas não o foi pelo direito ou pela vontade do paiz porque o não podia ser já quando seu augusto paé deixou de existir. O sr. D. Pedro já não era então herdeiro da coroa.

E quer o collega saber porque?

Dir-lh'o hemos no proximo numero.

A UNIÃO LEGITIMISTA

Estamos em um momento de vida ou de morte para o partido legitimista.

Estamos no momento em que na sua ane-mia se busca um remedio, que restitua a vida a este partido, com a vida a patria, e com a patria a honra.

Quem o não emprehender, não merece o nome de portuguez; quem o comprehender e não vier em auxilio d'este esforço tão heroico quanto patriótico, terá merecido e ferrete que pertence por direito e por justiça aos traidores.

Não é neste momento que se pôde, sem incorrer em um crime de lesa lealdade, sustentar caprichos mal cabidos nem malquerenças repelentes.

A voz do Rei fez-se ouvir para a reconciliação até com os inimigos da nossa bandeira. Quem poderá pois, fiel á voz do Rei, manter por vaidades feridas, ou por susceptibilidades secundarias, retrahimentos que prejudicam o andamento progressivo da nossa causa?

Ha resentimentos justos? Pois, tanto maior for o sacrificio de os immolar no altar da patria, tanto maior será o serviço prestado a esta causa, que tantos heroes e tantos martyres tem feito.

Se querem que o partido legitimista seja ainda o que deve ser, é indispensavel que os legitimistas cumpram o seu dever.

Os homens que hoje estão mais denodadamente impulsando o nosso partido tem em mira um só fim: estimular os generaes, lutar e vencer.

Não ha aqui ambições, senão as da lealdade, não ha supremacias senão as dos serviços de cada um. Quem não quizer ficar atraz trabalho; quem não quizer perder a consideração dos seus correligionarios, mantenha-se firme no seu posto de honra.

A mocidade legitimista vem conquistar as veneras, que possa alcançar pelos seus heroismos no ponto mais arriscado da refrega. E' esta uma justa gloria a que tem direito todo o soldado que não treme, nem hesita em cumprir com o seu dever.

Ninguém ouse convencer-se de que vimos escurecer o peito da guarda velha, onde refulgem as medalhas honrosas de seus feitos. Essas medalhas não podem ser offuscadas pelas glorias de futuros triumphos. As victorias de Bonaparte não puderam escurecer o nome de Anibal, nem os direitos de Cezar extinguiram os direitos de Deus.

Bonaparte honrou Anibal, Cezar exigiu para Deus o que de Deus era.

Não é justo que nos despresem os veteranos desta causa tão santa e tão justa que ao cabo de 48 annos de aniquilamento se vê renascer em uma geração cheia de vida e de corajosos e nobres intuitos.

Não nos despreseis. Nós não vimos tomar-vos o lugar de honra, vimos tomar o nosso lugar de honra.

Disse-nos o Rei—*vida nova!* Não fiquéis na vida velha. Se não tendes forças para nos seguirdes na carreira, ficai-vos embora, mas abençoai-nos com a respeitabilidade das cans que veneramos. Animai-nos a seguir, mas não volteis as costas a esta pleiade que vos quer, e que vos quer muito. Não voteis ao desprezo esta dedicação que é pelas glorias do passado, de que sois reliquias immorredouras.

O Rei tambem é moço, como nós. Se nos voltáes as costas porque não temos os cabellos brancos e as pernas tremulas, voltáes tambem as costas ao Rei, que nos manda caminhar.

Mostrae ao Rei e ao vosso partido que tendes 80 annos para aconselhar, e 25 para servir. Nós queremos para obedecermos uma experiencia secular, mas para o trabalho carecemos de corações francos e de enthusiasmos juvenis.

Por que fugis de nós? Temeis acaso os perigos das nossas temeridades? Não havemos declinar por certo na vossa respeitabilidade a responsabilidade das nossas ousadias. Temeis? Ah! Vós não temeis ha 48 annos, como nós não tememos hoje. Então éreis a mocidade legitimista, e a patria, e a vossa bandeira honrava-se das vossas temeridades e dos vossos serviços.

Então a patria não carecia tanto como hoje de francas ousadias e de decedidos esforços. Então era mister vencer, com as armas, as armas da revolução. Hoje temos que vencer um seculo de derribamentos, uma sociedade perdida, um mundo novo de sangue e arzila.

Então os velhos ensinavam-vos como se combate pela patria; não podeis vós fugir ao nobre exemplo de vossos maiores

para nos deixardes sós, carregando com o peso de uma grande responsabilidade, e com a fatalidade do vosso desprezo.

Não queremos no nosso seio quem venha mercadejar á custa da nossa vida moral, quem venha jogar na bolça com uma Letra aceite inconscientemente pela dignidade da mocidade legitimista; mas queremos todos os homens sinceros que saibam sacrificar-se pela causa de Deus, pela salvação da Patria, pelos direitos do Rei.

Queremos a união franca e desinteressada, queremos que tudo se sacrifique á causa legitima, e que se não sacrifique a causa legitima a nenhuma consideração, a nenhum interesse.

Unir, unir. Esqueçam-se resentimentos de qualquer ordem, que a familia legitimista carece de união e esquecimento.

A instituição do gremio legitimista do Minho teve por fim estreitar os laços d'este exercito cujas conquistas miram os largos horizontes.

Quem não vier á formatura não poderá exigir que lhe chamem legitimista, nem que lhe venerem a sinceridade dos serviços que inculcou prestar, quando este partido era apenas um corpo adormecido.

A dedicação tem de medir-se pelo trabalho do futuro, para os que podem trabalhar. Para os que não podem, tambem ella se mede pela boa vontade, pelo seu concurso na obra d'este renascimento, a mais gloriosa e a mais heroica de ha meio seculo.

AVANTE!

A attitnde verdadeiramente animadora e esperançosa, que o partido legitimista está tomando no Minho, é para todo o paiz um facto de alta significação, que está merecendo o geral applauso.

Nós vimos como na solemne sessão da inauguração memoravel do Gremio Legitimista do Minho, na noite de um do corrente, foram os legitimistas de Braga felicitados em cartas e telegrammas de todos os lados do paiz. Vimos como o Centro de Lisboa, pela mão do seu digno Presidente, o Ex.^{mo} Conde da Redinha bendisse e significou o seu regosio por aquelle acto tão expressivo da nossa vida politica; vimos como o Gremio da Capital, e como a redacção da Restauração fundada pela mocidade legitimista de Lisboa, felicitaram o Gremio Legitimista do Minho, fazendo-se representar na nossa sessão inaugural como testemunho de estima e adhesão ao nosso pensamento politico.

A Nação, órgão official do Centro de Lisboa, d'ali nos brada em um grito entusiastico—*avante!*—no primoroso artigo que vamos transcrever por honra nossa.

Sejam estes factos estímulo para todos os legitimistas e principalmente do nosso Minho, afim de que a nossa união possa vir a ser o nosso triumpho.

Eis o artigo da Nação: «Avante! Eis o grito que espontaneo nos sae dos labios ao ver como, de todos os pontos do paiz, a mocidade corre a enfileirar-se em nossas columnas.

Avante! E por Deus e pela patria vos pedimos não deixeis amortecer o fogo que vos inflamma.

Avante! Defendendo a sagrada causa da legitimidade, daes a Deus o que é de Deus, e a Cesar o que é de Cesar. Dir-vos-ha a consciencia, e para corações generosos não ha recompensa que a esta se compare, que cumpris o vosso dever.

O cumprimento dos nossos deveres é quanto a Igreja, é quanto a patria de nós pôde exigir.

A lei estatue quaes sejam esses deveres, e, como ser legitimista não seja outra cousa senão ser fiel observador da lei, desde que, pondo a mão sobre a bandeira branca, a bandeira immaculada, jurastes *vencer ou morrer pelo lemma DEUS PATRIA E REI*, que vos resta?

Cumprir o vosso juramento! Seria uma offensa imperdoavel lembrar este dever a mancebos, que com o culto da Religião alliam o culto da patria, queremos dizer, a mancebos legitimistas.

Não vos pediremos o cumprimento de vossos juramentos, por que somos incapazes de vos offender, mas não deixaremos de vos gritar: *avante!*

Avante! dizemos, abraçando, com toda a effusão da nossa cordealidade, os mancebos de Lisboa e Braga; tendes feito muito, mas é necessario que não pareis; é necessario que a vossa influencia, a aucto-

ridade de vossos nomes, faça surgir em outros pontos do paiz gremios eguaes aos vossos.

É necessario que em todos os pontos do paiz a juventude legitimista venha ajudar a velha guarda, que, diga-se em seu abono, não tem feito pouco, sustentando sempre desenrolada a sagrada bandeira de Ourique.

Nem cede o seu posto; folga e folga muito, vendo surgir, como por encanto, myriades de mancebos que a veem reforçar; está certa que os ha de ver ao seu lado no combate mas affiança-lhes que a não hão-de ver recuar um passo da linha, que a honra lhe marcar.

Contamos que o combate seja incruento, o triumpho, não a nós, mas aos nossos principios, será dado pela opinião publica, que cada dia se manifesta mais a nosso favor.

É por isso que vos gritamos: *avante!* O vosso exemplo não pôde ser infructifero, a inauguração do gremio legitimista de Braga deve pezar sobre a opinião publica; aquelle juramento, aquelle enthusiasmo inexcitavel, não devem ficar circumscriptos pelas paredes das salas, onde elle teve lugar; levae a vossa influencia a todo a parte, onde vos seja possivel fazer surgir novos gremios. Augmentareis nossa gloria, dando ao partido legitimista novas forças activas.

Como os tempos vão, graças a Deus mudando! Ha alguns annos era o partido legitimista representado na imprensa apenas pela Nação, e esta muitas vezes, sustentada por um unico braço, decidido sempre, mas pouco rebusto, para tão rude li-de; hoje a Nação... não devemos, porém, fallar de nós; hoje temos em Braga dois denodados campeões, que, brilhante e victoriosamente, defendem a sagrada causa da legitimidade, o Comercio do Minho e a Cruz e a Espada; em Lisboa appareceu um novo jornal legitimista, A Restauração, cujo numero programma, publicado no 1.º do corrente, nos diz o que a causa legitimista tem a esperar d'elle, e os milhares de exemplares, que o povo avidamente comprava, dizem muito do jornal, mas dizem muito mais da opinião publica; nos Açores vae tambem apparecer um jornal legitimista, e nós cremos que não parará aqui o desenvolvimento da nossa imprensa; depois temos a criação do gremio de Lisboa, e a do gremio de Braga, e podemos affiançar que em outros pontos se trabalha já para que surjam novos gremios; tivemos as magnificas demonstrações de Lisboa, Braga, Covilhã e outras terras no fausto dia 19 de setembro, anniversario natalicio do Senhor Dom Miguel; tivemos a manifestação religiosa no dia de S. Miguel, em todas as cidades e principaes villas do reino, e tivemos ultimamente as duas importantes sessões dos gremios legitimistas de Lisboa e Braga, no dia 1.º de dezembro.

Ainda ha pouco, diziam do partido legitimista os nossos adversarios ser o partido dos cabelleiras, hoje vemo-nos cercados de elegantissimos jovens, e se o não podemos dizer já, poderemos affiançar d'aquí a pouco, que é moda ser legitimista.

Como se explica isto? A não dizermos *hic Digitus Dei est*, não sabemos como explicar os phenomenos que estamos presenciando.

Terminaremos pois, repetindo: Avante, mancebos! avante, pela estrada que tão brilhantemente trilhaes! Proseguindo nella, tereis como premio de vosso heroismo a satisfação de salvar este nosso tão querido Portugal.»

O GREMIO DAS SENHORAS LEGITIMISTAS

O nosso estimado e venerando collega da Nação, referindo-se ao gremio das senhoras legitimistas, diz o que abaixo gostosamente transcrevemos, folgando que o collega fosse tão promptamente informado d'este passo tão honroso para as nossas correligionarias.

Effectivamente esta instituição deveria ter lugar no dia 8 do corrente, por ser commemorativo da Immaculada Conceição, Patrona do novo gremio; contudo foi addida á ultima hora, por não ser possivel ultimarem-se os trabalhos preparatorios, que proseguem com a maior actividade por parte da commissão installadora.

Falle pois a Nação:

«E' summamente grato a todos os legitimistas o que nos dizem de Braga, e que

vem provar, mais por uma vez, que a boa semente produz bons fructos.

Eis, pois, o que nos escreve o nosso illustrado correspondente:

«As senhoras legitimistas do Minho inauguram, em Braga, no dia de Nossa Senhora da Conceição, e sob a sua protecção, o Gremio das senhoras legitimistas do Minho.

«Este gremio terá por fim prestar todo o seu valioso auxilio aos trabalhos do partido em que ellas possam influir, e educar e manter os orphãos de paes legitimistas.

«As senhoras estão animadas dos melhores desejos e estou bem certo de que não desistirão dos seus propositos.

«Estes triumphos sobre triumphos não pôdem ser indifferentes ao partido.

«O barco está a caminho. Que o bafejem auras felizes.

«Não-se fundar outros gremios filiaes dos de Braga.

«E' grande, muito grande a animação que reina nas nossas fileiras.»

Ahi fica uma resposta áquelles que ousam affirmar que o partido tradicionalista dorme á sombra de passadas glorias.

D'aquí felicitamos as illustres senhoras do Minho, e fazemos votos para que as senhoras de Lisboa imitem tão nobre e santo exemplo.»

A RESTAURAÇÃO

Ha jubilos sinceros no nosso campo.

Sobre as nossas tendas de campanha tremula festiva o bandeira legitimista.

Um novo campeão chega, tão pujante e tão fidalgo, tão corajoso e tão decidido como são os defensores mais fieis da causá trez vezes santa de Deus Patria e Rei!

Bem vindo, camarada!

Bem vindo, ó voluntario da patria!

Que sejam de fino aço as tuas armas, como são luzentes as tuas armaduras.

Soldados da penna, salve!

A nosso lado uma vontade que pode, uma dedicação que promete, um esforço que honra!

Salve! Pela palavra do nosso Rei a tua palavra; pela união da familia portugueza o teu labor, pela salvação da nossa patria os teus heroismos, pelo futuro a tua gloria!

Irmão! Ao teu lado havemos vencer, ou havemos morrer.

Por uma gotta do teu sangue o nosso sangue, pela tua gloria a nossa gloria, pelas tuas alegrias a nossa alegria!

Que te não firam, camarada! Por ti as nossas armas, por ti a nossa lealdade, por ti o nosso coração!

Quem te offender agrava-nos; quem te affrontar provoca-nos. Na lucta e fora da lucta, eis-nos a teu lado.

O teu credo é o nosso credo, o teu caminho o nosso caminho. Lá ao fim ha uma gloria para nós todos: a restauração de um direito, um throno que se ergue de novo, e uma patria que surge do abysmo.

Legitimistas! A vida do soldado novo está nas vossas mãos. O novo herde que na capital ergue o estandarte da legitimidade tem as armas apontadas aos reductos inimigos. Carregar! Cada nome dos seus subscriptores será uma bala, e cada bala uma victoria!

O numero programma da Restauração é uma proclamação, e esta proclamação um chamamento.

Embora seja grande o sacrificio, dáe polvora ao soldado!

Embora seja grande o sacrificio mostrai que sabeis venerar a virtude onde ella está, e a dedicação, onde ella se manifesta!

Collega da Restauração! camaradas! Vedes aquelle ponto onde fluctua uma bandeira azul e branca! Pontarias firmes! Fogo! Até que seja toda branca aquella bandeira, nem trepidar, nem recuar!

Que uma lava de fogo consumma o azul d'aquelle echimose, já que lhe não valeram nem as cataplasmas de 48 annos de constancia e prudencia, nem o nitrato de prata da justa indignação popular.

Por Deus, pela Patria e pelo Rei, nós te saudamos ó novo atleta da imprensa!

ESTRANGEIRO

Em Roma acaba de dar-se uma occor-rencia digna de menção.

Em data de 30 de novembro communi-cam d'ali o seguinte, que se deu na sessão da Camara dos Deputados:

O presidente convida Falleroni, novo deputado mazziniano a prestar juramento.

Falleroni responde «Não prestarei juramento.»

O presidente n'este caso é sair da sala. Falleroni replica:

«O povo enviou-me aqui, e eu...» Grande alarido o interrompe. O presidente exclama: «Todos os italianos são iguaes perante a lei (*vivos applausos*) sahi da sala.»

Falleroni exclama «Cederei unicamente á força!» (Novo e estrepitosos clamores.)

Por ordem do presidente os guardas se dirigem á cadeira de Falleroni, e este são no meio d'elles.

O Vaticano e a Prussia

A aprovação unanime na Camara Prussiana da verba proposta pelo principe de Bismarck para a sustentação do representante da Prussia perante a Santa Sé, causou grande impressão nas regiões officias da Italia; o que é impossivel de dissimular.

O *Journal de Rome*, assim se exprime: «Não temos o direito de exigir que os italianos estejam satisfeitos, nem que não tenham o direito de impedir-nos que o não estejamos nós. Estão, porém, obrigados a aceitar o facto, e por pouco que a este respeito meditem, se considerarão igualmente obrigados a reconhecer que este acontecimento se deriva de um principio contra o qual todos os esforços serão impotentes. Esperamos, por tanto, a pacificação da Igreja, e oxalá possa o Soberano Pontífice dar esta alegre nova ao Sagrado Collegio no proximo consistorio, que provavelmente será celebrado no mez de Janeiro.»

As Heroínas Catholicas

Escrevem de Canlery ao jornal legitimista *L'Univers* uma interessante noticia, digna de ser conhecida por todos os circulos catholicos.

Em Canlery e nas suas circumvisinhanças, ha grande numero de protestantes. Ali o cemiterio dos protestantes é contiguo ao dos catholicos separado apenas por uma longa valla.

No dia 22 de Novembro os protestantes pretenderão enterrar uma criança protestante no cemiterio catholico na sepultura immediata á do ultimo enterramento catholico.

Consultada pelos catholicos a autoridade competente sobre se os protestantes tinham direito a tal vexame, a resposta foi de que, segundo a nova lei, esta profanação era licita.

Em vista d'isto, nenhum expediente occorreu aos catholicos, para impedirem aquella affronta. Estava a profanação no ponto de ser realisada, quando, espalhada a noticia, um grupo de senhoras, em numero superior a dussentas, se foram collocar á porta do cemiterio, impedindo a entrada aos protestantes. Desde o dia 22 até ao dia 23 não foi possivel fazer-se o enterramento por que noite e dia ao rigor da chuva e do frio, aquellas sentinelas vigilantes da religião catholica não abandonaram as sepulturas dos fiéis, ali enterrados.

No dia 23 portanto sendo impossivel realisar aquelle enterramento pela tenaz resistencia das senhoras catholicas, estimulou-se o capricho do sacerdote protestante, que sollicitou a intervenção da autoridade e da força publica em favor da saúde, imminetemente ameaçada pela putrefacção do cadaver, que havia seis dias deveria estar sepulto.

Então a gendarmaria de espadas nuas entrou no cemiterio fazendo fogo de revolvers contra o grupo inermes, mas corajoso das senhoras catholicas. Não obstante aquelle facto violento, novos grupos de senhoras ali corrião de toda a parte, enchendo o cemiterio, e resistindo do modo mais heroico contra os seus perseguidores. Requesitando á autoridade novos reforços, foram estes ali enviados, formando cordões, em meio dos quaes o coveiro começou a abrir a sepultura. Uma senhora rompendo por entre os gendarmes lançava para a cova á terra que o coveiro d'ali extrahia. A cada pá de terra exclamava a heroína catholica—«*aqui não será enterrado nenhum protestante!*»

A cada uma d'estas apostrophes repetidas por cada senhora que conseguia romper as linhas dos gendarmes até á sepultura, respondião estes—«*manda-o a lei!*»—A esta resposta correspondeu uma senhora lançando-se na sepultura, e exclamando—«*a mim enterrareis se quizerdes; a um protestante não!*»

Estes factos atrahiram muito povo áquelle local, que clamava animando as senhoras catholicas.

Vendo a autoridade que não tinha outro recurso, para cumprir as iniquidades da lei, senão fazendo correr sangue, preferio obrigar o sacerdote protestante a enterrar o

cadaver no cemiterio protestante, o que foi levado a effeito, não obstante a má vontade dos protestantes e o manifesto desejo de fazerem uma pirraça aos catholicos.

Estes factos exprimem o estado catholico da infeliz França.

CORRESPONDENCIA

Villa Verde 13 de Dezembro de 1882

(Do nosso correspondente)

A faina das audiencias geraes n'esta comarca deo-se por finda na passada semana. Seria de pasmar não ter que registrar-se alguma grande iniquidade; mas d'esta feita nada menos que duas. Uma:—a condemnação d'um supposto incendiario, sobre que não pesava um sequer indicio determinante do crime; outra:—a absolvição de dois grandes patifes, esmagados sob a verdade d'um grave crime de falsificação d'assignaturas, e do reconhecimento d'um tabellião, e que o jury absolveo unanimemente!

Bastará, porém, saber-se que se deve á força regeneradora a caldeação do maior numero dos 40 maiores... *ratazanas*, que superintendem n'estes, e quejandos alvitres. Que fiquem em paz com Deos, e com as suas consciencias, se é que as teem.

Em maré de referir iniquidades,—unico fructo que abunda no mercado da terra,—vamos recopilando.

A do ex-regedor de Soutello—Antonio José d'Araujo—não deve passar sem memoria; tanto mais que ha 14 annos estava a postos no carrilhão regenerador, e nunca o pulso lhe fraquejou no minuete da politica. Foi um assombro ver este desiludido no sopé da torre de bogalhos; mas quem olhasse para cima, e visse o *Laranjo* agarrado á corda, tocando o fadinho seu predilecto, aquelle fadinho das derramas, que deu no góto a tanta gente, nada mais precisava saber, para decifrar o enigma.

Tambem parece que ex-regedor não ia d'accordo na montagem d'uma machina *hydraulica*, d'engrossar ribeiros regeneradores; e os da gravidade da situação, não admitindo estorvos nos seus planos *d'artistas puros*, procuraram, e acharam um pretexto d'arromba, para dimittir o fiel veterano das suas mesquinhas phalanges.

O regedor, que, havia um anno, tinha passado a vara ao substituto, e que, por isso, lhe não cumpria a obrigação de participar umas occorrencias da freguezia, é por essa razão demittido, debaixo de considerandos aviltantes para o zeloso servidor que lhes não conveio, quando lhes não servio para tudo.

E' uma lição severa para os inexpertos lavradores, que põem os negocios de suas casas muitas vezes de parte, para exercerem cargos pueris, e que são o juguete de meia dúzia d'astutos raposos, cujas crenças politicas são apenas de barriga.

Para os que fumam bons charutos, e teem a casinha farta e cheia, a troco de duas lérias,—para esses sim,—vale a pena ser *pelotiqueiros*; mas para este desiludido foi até um favor, aparte a ingratidão.

O que resalta de curioso, ainda no assumpto presente, foi a escolha de regedor, que substituiu aquelle.—Diz-se que é nada menos que refractario do serviço militar!...

A sê-o tem graça, e parece serem todos... *Laranjos!*

Outra ainda; mas não iniquidade, e simplesmente desaforo.

Com a demissão d'escrivão dos inventarios de bens d'igreja, e de foros amortisaveis, desconjunctou-se tambem a *panella de bohémios*, onde se cosinhavam as ladroeiras, como a de S. Miguel de Prado;—isto é de poz-se a *troupe* de malandros, que viviam á farta, como louvados, n'aquella synagoga de suppuriferas receitas.

Tremêo pelos alicerces a possilga do conde de Ferreira, aos gemidos do *Mathusalem bohemianno*, ao ver sumir-se-lhe a barriga na mochilla natural; e o Judeu errante deu tratos cruceis á cachimonia, para resolver o caso pelo melhor e mais proveitoso, e que menos lh'entrasse no bolso, bem entendido.

A perspectiva da sultana Mariquinhas, a chorar as perdas delicias do seu eden, era para fazer dar cabo de sapatos menos dignos de consideração, que os do sobredito Judeu errante: e o remedio não demandava grandes correrias, que bastava um appello declamatorio aos da Excelsa, para se encontrar a pedra phylsophal do *paraizo perdido*.

Assim se fez, pondo em acção as tricas que a situação pouco lisongeira suggeria; e o exito foi feliz.

O preconizado José Narcizo Pereira da Gunha, capatás dos louvadinhos que *liquidadam* os bens da egreja de S. Miguel de Prado, e poseram o respectivo parochio em c/c com os governos da *Santa Liberdade*, lá ficou com votação magna dos *rabichas*; outro—que Deus m'o livre da porta, e d'ao pé das pipas,—d'eleição da autoridade; e outro—tambem de concerto da mesma;—que o Araujo, de Soutello, oh! *esse não pôde ser!*... *aquelles considerandos!*...

Um aviso d'amigo aos parochos:—olho vivo com as contas correntes do governo regenerador, ou esbanjador, que é uma e a mesma coisa; e olho ainda mais vivo sobre os taes louvados famintos, que não vão passar dos bens da egreja aos vossos paramentos ou á vossa ultima camisa.

NOTICIARIO

Novo Gremio Legitimista.—É um facto a criação de um gremio legitimista na importante Villa da Ponte da Barca. Este acontecimento veio encher-nos a alma de jubilo e saptisfação e no meio do nosso regosijo e entusiasmo, saltamos um viva aos nobres cavalheiros, a esses caracteres de fina tempera, que realisaram a criação de um gremio legitimista n'aquella Villa.

O nosso redactor principal o Ex.^{mo} Sr. Senna Freitas, foi convidado para assistir á inauguração, que terá lugar no proximo mez de Janeiro.

Bravo! A'vante legitimistas! Nada de esmorecer—a nossa divizá é Deus—Patria e Rei. Estas palavras são escutadas pela *revolução*, com o mesmo *prazer* que Satanaz cuve pronunciar o signal da Santa Cruz.

Quem impalidecerá, pois, tendo á frente e no emblema da sua bandeira aquellas tres santas palavras? Ninguem.

Honra pois, aos habitantes da Ponte da Barca pela gloria de serem os primeiros a secundar no Minho os nossos esforços.

A'vante. Eis a carta que foi enviada pela ex.^a Commissão instaladora ao presidente do Gremio Legitimista do Minho, com sede n'esta cidade.

«Ilm.^o e ex.^o Sr.—Presidente do Gremio Legitimista do Minho:

Os membros do partido legitimista do concelho da Ponte da Barca, abaixo assignados, veem por este meio testemunhar a sua cordeal e sincera adhesão ao Gremio Legitimista do Minho, inaugurado no sempre memoravel dia 4.^o de Dezembro.

O PRESIDENTE DA COMMISSÃO EXECUTIVA:

Manoel de Passos Corrêa Gonçalves, Miguel de Azevedo Vásques Athaide e Menezes,

José Pereira Pimenta de Souza e Castro, Manoel da Costa Barbosa Pereira Malheiro, Antonio Pereira Calheiros Passos,

O Reitor Feliz Bernardo Nicolau Carneiro, José Ignacio de Moraes,

P.^o Antonio Cesar de Araujo Gerqueira, P.^o Antonio Esteves.

Francisco José da Costa Lobo, Manoel Esteves,

Manoel José de Brito, P.^o José Maria Cardoso,

P.^o Antonio José de Castro, P.^o João Manoel de Araujo,

Alberto Augusto de Oliveira e Souza, P.^o Silvestre Gonçalves Barca,

Antonio Pereira da Costa Lacerda e Mello, Manoel José de Carvalho,

P.^o Manoel José Fernandes, José de Queiroz de Lacerda e Mello,

Aarão da Costa Pereira Malheiro de Faria, P.^o Antonio Joaquim Malheiro de Faria.

Academia Religiosa.—Teve logar no dia 10 do corrente a academia religiosa da Associação Catholica d'esta cidade.

Principiou ás 8 horas da tarde abrindo a sessão o vice-presidente o Ex.^o Sr. José Ferreira de Magalhães, por se achar enfermo o Ex.^o Sr. Henrique Freire de Andrade.

Sua ex.^a orou por algum tempo, fazendo o elogio do sr. Henrique Freire, que tantos serviços tem prestado á Associação, falando depois da inconstancia do erro que ora cae, surge e se levanta; apparece e desaparece em face das verdades eternas do catholicismo, sendo o seu discurso muito applaudido.

Seguiu-se o distinctissimo orador o sr. dr. Santos Monteiro de villa do Conde; discursando sobre os erros do seculo que classificou de filho de *Voltaire*.

Mostrou d'um modo eloquente que a

lucta levantada contra o erro em favor da sociedade e do proprio Deus, era um dever dos catholicos, embora esse proceder fosse chamado reacção.

Da eloquencia, mestria e sciencia do illustre orador, nada mais diremos que classificando-o o Antonio Vieira de nossos tempos.

O ex.^o sr. Abade de S. Pedro de Maximinos fallou eloquentemente sobre as razões que a Igreja teve na actualidade de definir o dogma da Immaculada Conceição, sendo muito applaudido e victoriado.

O ex.^o sr. dr. Brito, discursou acerca dos varios erros da impiedade, deixando a assembléa satisfeitissima, sendo saudado com palmas.

Foi tambem muito agradável o discurso do sr. Fernandes Carvalho, terminando com uma magnifica poesia dedicada á SS. Virgem.

Tambem ali recitou uma mimosa poesia um filho do nosso amigo Manoel Ignacio da Silva Braga.

Esta festa religiosa findou pelas 11 horas da noite, depois de ter subido á tribuna o sr. padre Coelho, redactor do *Commercio do Minho*, que levantou entusiasticos vivas á Immaculada Conceição, a Leão XIII e á Associação Catholica.

Rectificação.—Na descripção que o nosso estimavel collega do *Commercio do Minho*, faz da sessão solemne do *Gremio Legitimista do Minho* diz que o Ex.^o redactor principal da *Cruz e a Espada* o sr. J. Torres, proprietario, administrador e tambem redactor do nosso jornal, offereceu ao sr. Bernardino de Senna Freitas uma medallha distinctiva.

Quem ler a noticia do collega julgará que se trata de uma remuneração de serviços ao nosso jornal, feita em publico pelo seu proprietario e administrador, quando a verdade não é esta.

Cremos piamente que foi lapso no nosso presado e leal collega esta involuntaria inexactidão, pela qual reclamamos, restabelecendo á verdade.

Não foi o sr. J. Torres proprietario da *Cruz e a Espada* quem offereceu a preciosissima medallha de que se trata ao Ex.^o sr. Senna Freitas; foi o sr. Torres, membro da commissão da mocidade legitimista, que em presença do partido legitimista d'esta cidade, e com o applauso unanime d'aquella respeitavel assembléa, em nome da commissão e da mesma assembléa, dava aquelle testemunho de reconhecimento e louvor ao dedicado soldado da legitimidade, cuja pena e cuja palavra tanto trabalhou e venceu para que o partido legitimista chegasse á ser o que é hoje, quando aliás era antes um partido quasi morto.

Esta é a verdade! O seu a seu donno. O administrador e proprietario de um jornal não pôde estar sosinho onde está um partido inteiro louvando e aclamando um dos seus mais conspicuos servidores.

Todo o palz legitimista está fazendo justiça ao sr. Senna Freitas. Se não conhecessemos as boas intenções do collega, e a parte que com o seu applauso tomou n'aquella manifestação em favor do dehodado soldado da legitimidade; julgariamos haver da sua parte o proposito de amesquinhar um acto cuja significação é sem duvida muito mais elevada, do que se depreheende das palavras do nosso fiel collega.

Não se confunda um preito que vale muito, com uma paga que não vale nada!

O collega bem viu pue o sr. J. Torres não subiu sosinho á tribuna para entregar a medallha de honra ao sr. Senna Freitas.

O sr. Torres ia acompanhado de uma commissão, cujos membros, na sua maior parte não pertencem á redacção nem á empreza da *Cruz e a Espada*.

Todos viram isto.

Caridade e justiça.—Em 1820, aos pés do rei de Portugal, o sr. D. Miguel I, joelhava-se um joven portuguez pondo nas mãos de S. M. uma prova evidente do seu grande talento artistico. Era uma gravura feita por aquelle joven, fiel e perfeito retrato de S. M.

Contmovidado el-rei pela situação do novel artista, houve por bem collocar-o sob a sua protecção. Enviou-o a Paris para ali se aperfeçoar, e passou depois a Roma; para estudar mais profundamente a sua arte.

A queda do governo legitimo; a doença, as perseguições politicas, e por fim a velhice, levaram o infeliz artista até á miséria.

As artes em Portugal offerecem frequentemente estes tristes quadros.

O malaventurado artista vive hoje em Braga, sempre honrado, e sempre fiel á memoria do seu rei e bemfeitor.

Este artista é o sr. José Vicente Salles;

um dos mais distinctos do nosso tempo, a quem o Conde Raczynski consagrou um honroso artigo no *Diccionario Historico e artistico de Portugal* (pag. 224) que completa a sua grande obra *Les Arts em Portugal* offerecida á sociedade artistica e scientifica de Berlim.

N'esta redacção recebemos soccorros para o infeliz ancião, a todos os respeitos digno de protecção.

O Primaz das Hespanhas.—Emquanto a Santa Sê não aceitar a renuncia da Mitra Primaz, é de facto e de direito o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} D. João Christostomo d'Amorim Pessoa, Arcebispo e Senhor de Braga Primaz das Hespanhas—porque, só a Sê de Roma é quem tem poder de o desligar do vinculo que prende S. Ex.^o Rev.^o á diocese Bracarense.

Esta doutrina é clarissima, e tem sido sempre sustentada pelos mais abalados doutores da Igreja, e é conforme os sagrados canones.

O facto porém do governo aceitar a renuncia absoluta do sr. Arcebispo Primaz, equivale ao mesmo que S. Ex.^o R.^o aceitar a exoneração do sr. ministro das Justicas.

Sessão solemne.— Dizem de Lisboa que o *Gremio legitimista* da Capital vae reunir-se em sessão solemne, afim de ser feita pelo representante que aquelle gremio enviou á sessão da inauguração do *Gremio Legitimista do Minho*, a entrega da bandeira branca, sobre a qual os legitimistas presentes áquella inauguração juraram a legitimidade, e que, por proposta do sr. B. de Sêna Freitas, foi em nome do nosso gremio offerecida ao gremio de Lisboa.

Por mais este modo o gremio de Lisboa presta um novo testemunho da sua consideração pelo *Gremio Legitimista do Minho*.

Folgamos muito com estes applausos, que de todos os lados nos são dirigidos pela attude que o nosso partido está tomando n'esta Provincia.

Medonho.— Segnudo os dados publicados estes dias por toda a imprensa, vê-se que a dívida publica fluctuante cresce cerca de nove contos de reis por dia!!! Isto é assustador!

Dentro de poucos annos ou teremos a banca rota, ou o povo, este desgraçado povo, ficará sem pelle, se Deus se não amerciar de nós!

E venham dizer-nos que o paiz pôde subsistir sem uma cura radical. Estes factos respondem mais eloquentemente do que nós o poderiamos fazer.

Viagem de recreio.—O sr. D. Luiz está ha dias em uma caçada. Foi transferida a sua viagem de recreio ao estrangeiro para o mez de março.

Patronatos.—O sr. Fontes acaba de reconhecer para todos os effeitos de acesso e reforma, como se retencesse ao exercito de Portugal o sr. José Maria Lobo d'Avila, coronel do Ultramar, que nunca foi ao Ultramar.

Dado o exemplo, egual direito assiste a todos os coroneis do serviço do Ultramar.

Por este precedente teremos em breve mais generaes do que soldados, recebendo cada um 120\$000 reis mensaes!

É regalar!

O povo pôde e deve pagar mais. Nas *provincias da publica administração* pode-se e deve-se dar cabo da honra e da independencia da nação!

É doutrina corrente. Os factos o confirmam.

Familia Real.—Cheganos a noticia de que Sua Alteza Real, o senhor Conde de Bardi, cuja saúde melhora de dia a dia, vae sair sem demora de Frobs-Dorf. com direcção a Veneza, onde passará uma parte do inverno.

Sua Alteza a senhora Condessa de Bardi, que esteve em Biarritz dez dias em companhia de seu cunhado, Sua Alteza Real, o senhor Duque de Parma, passou ha dias por Paris, acompanhada da sua dama de honor a senhora Baroneza de Hertling.

Sua Alteza dirige-se ao palacip de Brombach, afim de visitar sua augusta mãe, a Rainha viuva, a senhora D. Adelaide Bragança e seguirá depois a reunir-se a seu augusto esposo.

Saraus infantis.—Em beneficio do Collegio da Regeneração, desta cidade, cujos rendimentos são diminutos para a grande obra que está realisando, vão effectuar-se, na Casa da Associação Catholica uns saraus infantis, promovidos por uma commissão de senhoras, e cavalheiros desta terra. Os saraus terão lugar nos dias 5, 6 e 7 do proximo mez, começando o primeiro pela *Arvore do Natal*, sendo o preço da entrada uma esmola qualquer, revertendo o producto das entradas nas tres noites, em

favor do Collegio ao qual falta receita para acudir ás suas necessidades. Alem da esmola da entrada qualquer pessoa pôde ainda enviar uma pequena prenda, uma lembrança qualquer para o mesmo fim, á exm.^a sr.^a D. Maria Brigida Perry, na praça do Salvador.

Não vem para aqui o encarecimento desta obra candida; bastam recommendal-a os serviços prestados pelo Collegio da Regeneração, pelos optimos resultados que tem obtido, desviando do mau caminho e convertendo ao trabalho tantas desgraçadas que só tinham por futuro a perdição e a miseria.

As diversões pela sua natureza, porque são puramente infantis, compensarão qualquer obulo com que se lembrem os corações generosos, mas acima do recreio, estarão ainda as benções das recolhidas do Collegio da Regeneração, que não esquecerão nas suas orações as almas que se lembraram com a esmola da sua caridade.

A obra é tão grandiosa que se recommenda por si, e fiamos que ella obterá um exito brilhante.

Não tem importancia.—O correspondente da Ponte da Barca para o *Commercio Portuguez*, diz que passou n'aquella villa quasi desapercibida a formação do *Gremio Legitimista* e que este não tem nenhuma importancia.

E o caso é que pinta a coisa lá a seu modo e bem merece as honras de reporter de Suajo.

Mas apesar dos desconchavos do tal correspondente lá está formado o *Gremio*, não de 3 ou 4 individuos como diz o tal, mas de mais de duas dezenas de illustres cavalleiros legitimistas.

O reporter da Ponte da Barca tem um grande merecimento, não para correspondente d'um jornal, mas para vendedor de reportorios.

Fallecimentos.—Finou-se no dia 13 do corrente o exm.^o sr. Mathias Dias da Fonseca, major do real exercito e uma das reliquias dos convencionados d'Evora Monte.

O illustre finado conservou sempre a sua fé á bandeira da legitimidade.

Celebram-se por sua alma no real templo de Santa Cruz missas geraes e pomposos officios.

Tanto na assistencia aos officios funebres como no acompanhamento do cadaver até ao cemiterio publico, foi grande a concorrência do que ha de melhor n'esta cidade.

Sentimos a sua morte, e enviamos á inconsolavel viuva sinceros pesames.

Outro.—Sambem se finou repentinamente na segunda feira pela volta do meio dia, o sr. Francisco Antonio de Araujo Reis, cavalheiro muito respeitado n'esta cidade.

Foi thesoureiro do Banco Commercial, e era agente de varias companhias de seguros. Os nossos sentimentos a toda a sua illustre familia.

Meditações para todos os dias do anno, por M. Haman.—Recebemos o 3.^o tomo d'esta importantissima obra religiosa—de que é editor o sr. Ernesto Chadrou.—preço 400 reis. Porto.

Fallaremos mais de vagar do seu grande merecimento—e desde já a recommendamos aos nossos leitores. Agradecemos.

AGRADECIMENTO

Os abaixo assignados, esposa, filhos, tio e tia profundamente penhorados pela subida prova de sincera amizade que os exc.^{mos} snrs. dr. Manoel José Ramalho, prior de Fonte Arcada. padre José Custodio d'Oliveira e Castro, Constantino Vieira de Castro, Fortunato José dos Santos, Manoel José Pereira Guimarães, Antonio Joaquim Baptista Vieira e Alvino Antonio de Carvalho, praticaram ao finado dr. Augusto Clemente de Souza Geão, para cujo funeral se constituiram em commissão e que dirigiram com o maximo disvelo, manifestando assim o multo affecto que consagravam ao fallecido, veem agradecer a esses illustres cavalheiros tão intimas provas de estima e protestar-lhes o eterno reconhecimento.

Agradecem tambem a fineza que diversas pessoas lhes fizeram, assistindo aos responsos de sepultura que por alma do finado se realisaram, no dia 12 do corrente, na parochial igreja de Nossa Senhora do Porto de Ave.

Povoa de Lanhoso, 23 de novembro de 1882.

Carlota Candida d'Araujo Geão
Thereza Joaquina de Souza Geão
Alexandre Pinheiro de Sá
Maria Mavilde de Souza Geão
João Augusto de Souza Geão
Antonio Clemente de Souza Geão.

(95)

ANNUNCIOS

VENDA DE 18 MORADAS DE CASAS

Antonio Joaquim Fernandes Braga e mulher Anna Thereza Gomes pretendem vender quatro moradas de casas na rua dos Peões, tres moradas na rua nova de Santa Cruz, sendo uma em que vivem e duas pegadas, outra morada de casas na rua de D. Pedro 5.^o, e nove moradas na rua de S. Victor velho, cuja venda é para pagamento de dividas hypothecarias aos Ill.^{mos} Snrs. Gerentes do Banco do Minho, Joaquim Fernandes e José Ribeiro.

(90)

João da Costa Palmeira, tem em sua quinta, em Santa Eulalia de Tendes, para vender o seguinte: laranjeiras, nogueiras, enxertos de pereira, pecegueiro e ameixoeira—tudo de boa qualidade. Ameixoeiras do Canadá, castanheiros, salgueiros, lodos, choupos com raiz, estacas dos mesmos e vides.

(94)

LIVROS

Horas da Semana Santa, empregadas na lição e meditação dos principaes officios e sagrados Mysterios d'este santo tempo.

1 Volume de 570 paginas paginas—preço 600 reis.—*Rifango e officio da Semana Santa*, com orações para a confissão, Sagrada Communhão, visitas das igrejas

em quinta feira Santa e novena das almas, 1 volume de 496 paginas—preço 600 reis. *Relicario Angelico*, de Jesus Christo e Maria Santissima, 1 volume de 234 paginas—preço 240 reis.

O *Mestre da Vida*, que ensina a viver e morrer sanctamente, 1 volume—800 rs.

Christão devoto, ou as principaes devoções para empregar o tempo sanctamente, 1 volume preço—160.

Exercicios Angelicos, em que o perfeito e verdadeiro christão deve empregar sanctamente os seus dias, 1 volume—200 reis.

Novena do Santissimo Sacramento, que principia em 3.^a feira depois do Espirito Santo, preço—20 reis.

Oração em Cruz a Nossa Senhora preço—20 reis.

Hymne a Nossa Senhora, preço—20 rs.

Remette-se qualquer d'estas obras francas de porte, a quem enviar a sua importancia em valles do correio ou estampilhas, a Manoel Pinto Monteiro, Travessa do Cégo, 23—Lisboa.

Leccionista

Rua da Boa-Vista n.^o 34—Braga
Acaba de chegar a esta cidade M. Jacques Wunderli. lecciona, Francez e Allemã, ensinando—traducção, fallar, e escrever correctamente, uma e outra lingua, preços commodos. Lecciona a toda e qualquer hora até á noute; assim como se presta a fr a casas particulares e qual-quer collegio ensinar.

Todas as pessoas, que fizerem o favor de me auxiliar, leccionando-se verão, que em poucos mezes, estarão habilitados a fallar e escrever qualquer d'estas linguas. Quem quizer informações, pôde dirigir-se a esta redacção.

(93)

Jacques Wunderli.

LECCIONAÇÃO

Na escola de Maximinos leccionam-se aspirantes ao magisterio primario 1.^o grau. (86)

GRANDE LOTERIA DE MADRID

SORTEIO A 23 DE DEZEMBRO DE 1882

Premio grande 450:000\$000
Segundo premio 360:000\$000
Terceiro dito 270:000\$000

Além d'estes consta de muitos outros de grande valor.

BELLA CONSOADA

O cambista JOSÉ JOAQUIM SOARES

RUA DE CEDOFEITA, 115, B, PORTO

Recommenda aos seus amigos, como ao respeitavel publico em geral, que encontram no seu feliz e bem conhecido estabelecimento, um bom sortido, em bilhetes, fracções e series de todos os preços, para esta grande loteria, aos preços seguintes:

Bilhetes inteiros 92\$000
Meios bilhetes 46\$000
Quintos 18\$400
Decimos 9\$200
Vigesimos 4\$800
Quadragésimos 2\$500

Series de 10 numeros seguidos ou alternados, com um premio certo, a 400, 600, 1\$000, 3\$000, 6\$000, 12\$000 24\$000 reis, assim fracções de 40, 60, 100, 300, 600, 1\$200 e 2\$400 reis.

BRINDES

Todos os meus amigos e freguezes que me comprarem series de 10 numeros, desde o preço de 400 até 24\$000 reis, receberão ou lhe serão remetidos juntos aos seus pedidos os seguintes bilhetes da loteria de Lisboa, como brindes que lhe offereço: em cada serie de 24\$000, reis, um bilhete inteiro, em que, pôde tirar 6:000\$000, em cada serie de 12\$000 reis, meio bilhete: em cada serie de 6\$000 reis, um quarto: em cada serie de 1\$000 reis, uma fracção de 250 reis; em cada serie de 600 reis uma fracção de 130 rs. em cada serie de 400 reis, uma fracção de 80 reis. Ficam com o mesmo direito aos brindes todas as pessoas que comprarem as mesmas quantias em fracções soltas.

O anno passado que comecei dando os mesmos brindes aos meus amigos, tive a ventura de repartir por elles 1/4 do n.^o 4702, em 10 de dezembro, com os 8:000\$000, assim como 1/8 do n.^o 4806, em 20 do mesmo mez, tambem com os 8:000\$000, isto além de muitos outros premios.

Espera portanto que os seus amigos o continuarão honrando com suas ordens. Os brindes começam a ser dados desde a primeira loteria do mez de novembro, até a ultima antes de 23 de dezembro.

Em pagamento de todo e qualquer pedido recebe letras sobre esta cidade ou Lisboa e vales do correio, ou mesmo sellos e estampilhas de todos os preços (não com tempo humido.)